

UMA CRÍTICA AO HUMANISMO: REVISÃO DO PENSAMENTO ANTROPOCÊNTRICO

Igor Ferreira Fontes²⁸

Resumo: O presente artigo objetiva fazer uma análise geral das críticas feitas ao pensamento Humanista, principalmente a partir de Blaise Pascal, em *Pensamentos*, e Giacomo Leopardi, nos *Opúsculos Morais*. Iniciaremos o trabalho apresentando de forma sintática o Humanismo tradicional na figura de Giovanni Pico della Mirandola, em seu *Discurso sobre a dignidade do homem*, para, a partir dele, explorar as críticas que posteriormente foram feitas à ideia de que o homem seria o centro da natureza, senhor dela e que esta teria sido criada para seu uso e proveito. Primeiro trataremos da ideia de que o homem seria inteiramente livre e pleno senhor de si, utilizando como contraponto a ideia de fortuna apresentada por Nicolau Maquiavel em *O Príncipe*, o que limitaria a possibilidade de ação do homem e seu controle sobre os acontecimentos. Na sequência, criticando a visão clássica humanista, oporemos as visões de Pascal e Leopardi à de Pico, que colocam o homem como sendo incapaz de conhecer a natureza em sua totalidade: limitado intelectualmente, ele só é capaz de conhecer aquilo que lhe está próximo, mas não o todo. Eles o caracterizam, ainda, como um ser infeliz, que busca formas de não pensar em sua desgraça e miséria, e insignificante perante a grandeza do universo, o qual seguiria normalmente seu rumo caso os humanos desaparecessem, agindo sem se importar se produzirá felicidade ou infelicidade aos homens, sendo completamente indiferente a eles.

Palavras-chave: Humanismo. Antropocentrismo. Leopardi. Pascal.

Riassunto: Il presente articolo si pone come obiettivo quello di fare un'analisi generale delle critiche rivolte al pensiero Umanista, principalmente partendo da Blaise Pascal, nei *Pensieri*, e Giacomo Leopardi, nelle *Operette Morali*. Inizieremo l'articolo presentando sintatticamente l'Umanesimo tradizionale nella figura di Giovanni Pico della Mirandola, nel suo *Discorso sulla dignità dell'uomo*, affinché, cominciando da lui, sia possibile esplorare le critiche che posteriormente furono fatte all'idea che l'uomo sarebbe al centro della natura, suo signore e che questa sarebbe stata creata a suo uso e consumo. Dapprima, tratteremo dell'idea che

28 Estudante do curso de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail para contato: igorfontes@outlook.com

l'uomo sarebbe pienamente libero e completamente signore di sé, utilizzando come contrappunto l'idea di fortuna presentata da Niccolò Machiavelli ne *Il Principe*, il che limiterebbe la possibilità di azione dell'uomo ed il suo controllo sugli eventi. Proseguendo, criticando il pensiero classico umanista, opporremo il punto di vista di Pascal e Leopardi a quello di Pico della Mirandola, i quali vedono l'uomo come incapace di conoscere la natura nella sua totalità: limitato intellettualmente, lui è capace solo di conoscere quello che gli è vicino e, nemmeno tutto. Ancora: viene caratterizzato come un essere infelice, che cerca modi per non pensare alla propria disgrazia e miseria, ed insignificante davanti alla grandezza dell'universo, il quale, quest'ultimo, seguirebbe comunque il suo corso normale, nel caso in cui gli uomini scomparissero, agendo senza interessarsi se ciò doversi dare felicità o infelicità agli uomini, essendogli, di fatto, completamente indifferente.

Parole chiave: Umanesimo. Antropocentrismo. Leopardi. Pascal

Introdução

O pensamento Humanista foi responsável por influenciar as ideias de vários autores ao longo da história. Adotando como um de seus pressupostos a concepção de livre-arbítrio, de que o homem possui a capacidade de escolher, o Humanismo concebia o homem como um ser capaz de determinar seu futuro, governante de si, superior aos outros animais, senhor deles, e a mais feliz de todas as criaturas. Cabia ao homem fazer bom uso de seu livre-arbítrio para de fato fazer-se soberano das outras criaturas e elevar-se para se aproximar dos seres divinos.

Tal pensamento, contudo, depara-se com algumas restrições, das quais tratar-se-ão aqui algumas delas; iniciaremos o trabalho representando a visão Humanista em Giovanni Pico della Mirandola, e em seguida trabalharemos delas. O primeiro contraponto a ser feito é quanto à ideia de que o homem é governante de si: algumas de suas ações são determinadas por uma força que lhe é superior. Para discutir este tema usaremos como auxiliar a ideia de fortuna apresentada por Nicolau Maquiavel em *O Príncipe*.

O segundo ponto a ser discutido trata-se da ideia de que o homem é um ser paradoxal, simultaneamente grande e miserável, partindo dos *Pensamentos* de Pascal. Ainda neste autor, trataremos também de sua visão sobre o homem como um ser finito e limitado, incapaz de compreender toda a natureza. Veremos, ainda, que na concepção do autor, o homem é um ser infeliz, vazio, que busca formas de distrair-se para não pensar em sua miséria.

Por fim, usaremos os *Opúsculos morais* de Giacomo Leopardi para tratar de como o homem é não apenas incapaz de conhecer a natureza em sua amplitude, mas também insignificante e arrogante – além de infeliz. Suas criações importam somente a ele, que ousa chamar seus eventos de *eventos mundiais*; acha que o mundo fora feito para ele e que a natureza age pensando nele. Não basta ser insignificante perante a natureza, o homem é ainda a mais infeliz das criaturas e por isso busca formas de esquecer momentaneamente sua infelicidade.

A condição humana

O Humanismo, uma filosofia que ganhou destaque durante o período renascentista, colocava o homem no centro do mundo. Um de seus pressupostos é a noção de liberdade: o homem é dotado do livre-arbítrio e, por isso, tem a possibilidade de escolher o que fazer. O homem, senhor de si, pode se comportar de forma a elevar-se entre as outras criaturas e aproximar-se dos seres divinos – louvando-se sua dignidade, racionalidade, valores morais – ou rebaixar-se às criaturas inferiores.

Um grande representante dessa visão é Giovanni Pico della Mirandola. Pico, em seu *Discurso sobre a dignidade do homem*, afirma ser o homem a criatura mais admirável. Deus, após criar os céus, a terra, os mares e todos os animais que povoam a superfície, desejava um ser que fosse capaz de compreender, amar e admirar a beleza de toda essa criação, alguém capaz de contemplar toda essa obra: assim, criou Deus o homem²⁹. Contudo, todos os grandes atributos já haviam sido dados aos outros animais; Deus, então, criou o homem como um ser de natureza indefinida. O homem, desse modo, é capaz de obter aquilo que desejar: por ser um ser de natureza indefinida, não é constringido por limitações, tal como os outros animais, sendo através do uso de seu próprio livre-arbítrio que o homem determinará quais se imporá; colocado no centro do mundo para ver melhor tudo que nele há, o homem, “árbitro e soberano artífice de si mesmo” (MIRANDOLA, 1989, p.57), pode se forjar da forma que preferir, seja degenerar-se às bestas inferiores, ou regenerar-se aos seres superiores, divinos (MIRANDOLA, 2014, p.11).

29 Aqui, Pico utiliza a criação encontrada no primeiro capítulo do livro do Gênesis. Nesta, Deus criou primeiro as montanhas, mares, toda a natureza que cobre o planeta; em seguida os animais e por último o homem, para ser senhor de todos os seres vivos (Gn 1:20-26). No segundo capítulo, entretanto, esta ordem é alterada, com Deus criando a natureza, em seguida o homem, da argila, depois os animais para lhe fazerem companhia e por fim a mulher, tirada de sua costela (Gn 2:4-24).

Por esses aspectos, segundo Pico, “é o homem o mais feliz de todos os seres animados e digno, por isso, de toda a admiração” (MIRANDOLA, 1989, p.55). A ele foi concedido o poder de ter o que desejar, ser o que quiser, sem que nenhuma natureza o determine e o limite: o homem é um camaleão, dotado dos germes de cada espécie e gênero de vida, que crescerão e florescerão conforme ele os cultive. Cabe ao homem cultivar os aspectos que o elevem, que o aproxime das coisas mais altas, e cuidar para que seu livre-arbítrio não se torne nocivo: que sua alma se encha com uma “sagrada ambição”, que o eleve, e que não se contente com coisas medíocres, desdenhe as coisas terrenas, refreie o ímpeto de suas paixões e purifique sua alma, “limpando-a das sujidades da ignorância e do vício” (MIRANDOLA, 1989, p.65).

O primeiro ponto, contudo, é que o homem não é plenamente senhor de si, inteiramente livre: nem todos os eventos que ocorrem em sua vida são controlados por ele. De fato, alguns estão além da sua capacidade de controle. Como aponta Nicolau Maquiavel, no capítulo XXV de *O Príncipe*, “a fortuna decide sobre metade de nossas ações, mas deixa a nosso governo a outra metade, ou quase” (MAQUIAVEL, 2010, p.131). O homem, assim, só seria capaz de controlar no máximo metade de suas ações, estando o resto sob domínio da fortuna. É importante mencionar que Maquiavel não anula o livre-arbítrio humano, apenas ressalta que o homem não é tão livre quanto se imaginava. Nem a fortuna é inteiramente controladora das ações humanas, nem o homem é pleno governante de si: ambos os elementos atuam em suas ações. Tem-se, portanto, que a possibilidade de ação humana, e seu livre-arbítrio, ao contrário da visão de Pico, são limitados por uma força mais poderosa – a fortuna.

Além de ter suas ações restringidas por uma força que lhe é superior, o homem ainda é, simultaneamente, grande e miserável; finito e limitado tanto na natureza quanto na possibilidade de conhecê-la; e mesmo que mire suas ações para atingir a felicidade, nem sempre a alcança. Para Pascal, a relação que ocorre é paradoxal: o homem, ao mesmo tempo em que é um ser dotado de grandeza, é um ser miserável. O homem, segundo Pascal, possui duas naturezas: a primeira, próxima a Deus, do momento em que foi criado. O homem, nessa primeira natureza, era perfeito, pleno de luz e de inteligência; ele via a majestade de Deus. Entretanto, quis o homem ser o centro de si mesmo, independente de Deus; afastou-se de seu criador desejando encontrar felicidade nele mesmo; caiu, assim, nas trevas e aflições que hoje o cercam (PASCAL, Pensamentos, artigo IV). Possuidor da melhor natureza, o homem caiu para uma semelhante à dos animais.

O homem é um meio entre nada e tudo: “um nada em relação ao infinito, tudo em relação ao nada” (PASCAL, Pensamentos, artigo XVII, I). Ele é incapaz de conhecer os extremos, que estão para ele ocultos. Sua inteligência ocupa, na ordem do inteligível, a mesma posição que seu corpo na natureza. Segue-se que ele só consegue captar, então, aquilo que estiver pelo meio: o que estiver nas extremidades lhe escapa da percepção, como se não existisse para elas, e elas para ele. O homem, finito e limitado, composto de duas naturezas diferentes, é incapaz de conhecer em absoluto a natureza, infinita e simples.

Presunçoso de desejar encontrar a felicidade em si mesmo, o homem afastou-se de Deus e caiu de sua natureza primeira. E, nessa queda, encontra-se sua miséria. Tal como um rei destronado que é infeliz por não ser rei, o homem é miserável pois caiu da melhor natureza para uma semelhante à dos animais (PASCAL, Pensamentos, Artigo XVIII, V). Porém, disso ele tira sua grandeza, pois somente ele é capaz de reconhecer sua miséria. Capaz de pensar e fazer sua autorreflexão, o homem torna-se grande à medida em que reconhece que é miserável, afinal

é, pois, ser miserável conhecer-se miserável; mas é ser grande conhecer que se é miserável. Todas essas misérias provam sua grandeza. [...] Numa palavra, o homem conhece que é miserável. Ele é, pois, miserável, de vez que o é; mas, é bem grande, de vez que o conhece (PASCAL, Pensamentos, artigo XVIII, VII-VIII.).

Toda a dignidade do homem reside no pensamento, tal como em Pico, e cabe ao homem, a partir do pensamento, elevar-se. Ele precisa encher-se de luz e pensar: em si, no seu autor, e no seu fim. Esse deve ser o pensamento humano, para Pascal. Ele deve fazer sua autorreflexão, tornar-se ciente de suas grandezas e baixezas, de como é grande e ao mesmo tempo miserável; usar do pensamento, “coisa admirável por natureza” (PASCAL, Pensamentos, artigo XVIII, XIII), para se elevar e buscar Deus, pois é em Deus que está a felicidade: ela não está nem no homem, nem fora dele, mas em Deus, “tanto fora como dentro de nós” (PASCAL, Pensamentos, artigo XVIII, I).

É preciso, contudo, que o homem busque verdadeiramente Deus, pois Ele só se revelará aos que verdadeiramente o procurarem. A estes, Deus aparecerá, enquanto que o contrário ocorrerá aos que não o fizerem (PASCAL, Pensamentos, artigo XII). Cabe à verdadeira religião ensinar a adorar e amar Deus, que a “felicidade é estar nele, e o nosso único mal estar separado dele” (PASCAL, Pensamentos, artigo IV). Os homens, todavia,

evitando pensarem em si, enchem-se de divertimentos, julgando que nisso encontrarão a felicidade, quando ela só ocorre de fato no repouso. Ao invés de ficarem num quarto, em repouso, buscam a agitação, o tumulto, algo que os distraiam e os dispersem. Ignoram que esses divertimentos não preencherão o vazio de suas existências e que, se a felicidade consistisse nesse divertimento, eles seriam dependentes de algo exterior para ser feliz; entretanto, a felicidade não está nem dentro nem fora, mas, segundo Pascal, em Deus.

Todos os homens buscam a felicidade. Eles diferem no meio que utilizam para alcançar seu objetivo, mas este é o fim de todas as ações humanas. Entretanto, ninguém conseguiu alcançar a felicidade sem a fé – aqui há, para o autor, o limite da razão, e por isso o homem precisaria da graça Divina. Se nunca se corrompesse, o homem gozaria da felicidade. Mas, caído de sua primeira natureza, tenta preencher seu vazio com o que o rodeia, esperando que assim encontre a felicidade, porém esta só está em Deus, alcançada através do repouso, por aqueles que O buscarem, com auxílio da verdadeira religião.

Tem-se ainda que o homem, limitado em ações e conhecimento, grande e miserável, quase sempre infeliz, é incapaz de conhecer a totalidade da natureza; sequer é, como se pensava, centro dela – que, aliás, não fora feita para sua dominação. Ao contrário do que se poderia pensar, as criações humanas apenas importam a eles mesmos: como aponta o poeta italiano Giacomo Leopardi em seus *Opúsculos morais*, no *Diálogo de um duende e um gnomo*, invenções como nomear dias da semana, por exemplo, só afetam aos homens, visto que os dias não deixarão de surgir se não os chamar pelos nomes (LEOPARDI, 1994, p.48). Todas essas coisas são, ao final, irrelevantes à natureza, pois se todos os humanos morressem, ela seguiria seu fluxo tal como era antes deles surgirem (LEOPARDI, 1994, p.49). No referido diálogo, um duende e um gnomo conversam após o fim da raça humana, e em um momento o gnomo diz:

Bem gostaria que um ou dois daquela canalha ressuscitasse e também seria bom saber o que pensariam, vendo que as outras coisas ainda duram, apesar de desaparecido o gênero humano, permanecem e procedem como antes, quando se acreditava que todo o mundo fosse feito e mantido para eles (LEOPARDI, 1992, p.78)

Pode-se ainda observar, no trecho acima, que Leopardi inicia uma crítica ao antropocentrismo. Pico, como visto, concebia o homem como centro da natureza, criado para ser superior aos outros animais e contemplador da obra divina. Em Leopardi, entretanto, o

homem acredita que o mundo foi feito para ele, assim como “também as lagartixas e as moscas acreditam que todo o mundo foi feito exatamente para uso das suas espécies” (LEOPARDI, 1992, p.78); ou seja, cada espécie animal vai acreditar que o mundo foi feito para o seu uso. Tal posição pode ser encontrada também em Nietzsche: em *Sobre a verdade e mentira* o autor diz que também a mosca voa sentindo-se como centro do mundo (NIETZSCHE, 1983, p.45).

Mas não bastaria ao homem achar que o mundo fora feito para seu uso: ele precisa também crer que é superior aos outros animais, chamando seus eventos de “revoluções do mundo, e às histórias de seus povos histórias do mundo” (LEOPARDI, 1992, p.79), usando-se como medida para a natureza. Entretanto, o homem, suposto senhor dos outros animais, não é capaz de conhecer toda a natureza: há animais e vários outros seres que os homens não conhecem, seja por seu tamanho, seja por viverem em regiões nunca visitadas pelos humanos. Seu conhecimento sobre a natureza é limitado, percebendo apenas uma parte dela, mais próxima da capacidade perceptiva humana, porém sem poder conhecer a totalidade – tal ideia de limitação da inteligência humana em relação à natureza é encontrada, com alguma semelhança, também em Pascal, como foi visto, que concebia o homem como um ser incapaz de compreender a natureza como um todo.

Uma diferença, contudo, entre Leopardi e Pascal, se dá na percepção que cada um tem do homem em relação aos outros animais: enquanto que para este o homem é apenas diferente dos outros animais, sem significar com isso uma necessária superioridade em relação a eles, para aquele o homem não é diferente dos outros animais, tendo como ressalva o fato de que ele destrói a natureza. Os outros animais vivem na natureza sem modifica-la – ou, se ainda o fizerem, ao menos sem destruí-la – enquanto que isso não ocorre com o homem: ele guerreia entre si, mata outros, desmata florestas, altera ordens de rios, polui o ambiente em que vive.

No *Diálogo da natureza e um islandês*, o poeta concebe o homem como um ser deslocado na natureza, sem um clima ou ambiente em que ele pudesse viver bem, tal como ela fizera com os outros animais (LEOPARDI, 1994, p.105). É interessante a comparação dessa visão com a de Pico: ambos parecem compartilhar da ideia de o homem não possuir um lugar fixo na natureza, feito para que ele ali vivesse. Todavia, enquanto que para Pico isso é algo bom, pois ele interpreta como uma não-limitação do homem, podendo a ele, então, ser e ter o que quiser, Leopardi vê isso como um problema, dado que o homem, desse modo, além de

deslocado, sem possuir nenhum ambiente que lhe seja próprio, não pode, com isso, ter uma vida feliz – ou, ao menos, “sem miséria e dificuldades” (LEOPARDI, 1992, p.122).

Ainda neste diálogo, dando voz à natureza, o autor reforça a indiferença dela para com os homens: ela não age pensando neles, e não tem em mente sua felicidade ou não quando realiza algo. Na verdade, a natureza sequer percebe o que eles sentem, a não ser por raríssimas vezes. Complementa ainda que, se, por acaso, ela exterminasse a espécie humana, sequer perceberia (LEOPARDI, 1994, p.108-109). O mundo não foi feito para o homem, a natureza não apenas não se importa com ele, como não age pensando nele e lhe é tão indiferente que se ele deixasse de existir, ela não perceberia.

Há, ainda, outra oposição a se fazer ao pensamento de Pico: a felicidade humana. Para ele, o homem era a mais feliz das criaturas, digno de toda a admiração. Na visão de Leopardi, entretanto, o homem é, na verdade, “a mais complicada e infeliz de todas as criaturas” (LEOPARDI, 1992, p.200). Sem um lugar no mundo que seja de fato seu para viver bem, o homem é obrigado a viver com miséria e dificuldades, enfrentando as ações da natureza que, apesar de não importar-se com ele, a ele parece que o odeia e lhe é cruel.

Segundo aponta Leopardi, o homem é condenado a viver com sofrimento em todos os dias de sua vida, não tendo a oportunidade sequer de aproveitar: a natureza lhe havia obrigado a viver nessa condição, tendo que sofrer e não aproveitar (LEOPARDI, 1994, p.107-108). Uma pequena semelhança a este pensamento pode ser vista no parágrafo 341 da *Gaia Ciência*, de Nietzsche, no qual, para ele, se alguém lhe dissesse que viveria exatamente a mesma vida novamente, isso seria uma maldição, pois falta, na vida humana, algum “instante descomunal” que fizesse com que se desejasse viver, novamente, a exata mesma vida (NIETZSCHE, 1983, p.208-209). Apesar de Leopardi não pensar numa repetição da vida vivida, em ambos nota-se a ausência da felicidade na vida humana, repleta de misérias.

O homem, sem nada que compensasse essa situação, sem momentos de grande alegria, lidando com sofrimento em todos os dias de sua vida, aparentemente destinado a sofrer (LEOPARDI, 1994, p.107-108), encontra, na embriaguez – apontado pelo autor em *Elogio dos pássaros* – uma forma de esquecer-se um pouco de si e de distrair-se de seus males – ao menos durante aquele momento no qual o homem encontra-se embriagado (LEOPARDI, 1994, p.207-208). Há, nesse ponto, uma leve semelhança com o tratamento que Pascal dá ao

divertimento: em ambos o homem diverte-se com facilidade, esquecendo-se de si por um momento, buscando uma forma de não pensar em sua infelicidade, miséria e sofrimento. Entretanto, para Pascal, tal ocorre com o divertimento de modo geral, enquanto Leopardi trata aqui mais especificamente da embriaguez. O homem é um ser tão infeliz e miserável que necessita de algo que lhe tire do presente e da realidade, fazendo-o esquecer, assim, de si e de sua desgraça, para que possa, com isso, suportar o fardo que é a sua existência

Conclusão

A tradição Humanista, como se viu, buscou elevar o homem. Em sua tentativa de torna-lo superior aos outros animais, atribuiu-se-lhe poderes que ele não possuía, como o de ser pleno governante de si. O homem depara-se, ao decorrer de sua vida, com situações que estão fora de seu alcance, situações as quais ele não pode controlar e que determinam o modo pelo qual ele agirá. Mesmo que ele possa controlar uma parte, trata-se apenas disso, estando o todo aquém de sua capacidade.

Também a tentativa de atribuir ao homem posição central na natureza mostrou-se problemática. Ele é insignificante em relação a ela, a ponto de poder ser destruído e ela seguir seu fluxo tal como era antes dele existir. Soma-se a isso que ele é finito, limitado, incapaz de compreender a natureza em seu todo. Sua inteligência apenas consegue conhecer uma parte, que está mais próxima de suas limitações; mas o que estiver fora dessa faixa é-lhe desconhecido. E, com isso, atinge-se ainda sua crença de que tudo foi criado para ele. A natureza não foi criada para o homem, nem possui a obrigação de satisfazê-lo.

Nem a felicidade é-lhe plenamente concedida. Sendo obrigado a encontrar um lugar na natureza e a enfrentar diversas misérias e sofrimentos, o homem busca, em todas as suas ações, encontrar a felicidade. Contudo, cabe-lhe apenas contentar-se com formas de esquecer momentaneamente suas desgraças, utilizando da fuga da realidade para esquecer por um momento de si, evitando a autorreflexão. Embriaguez, divertimentos ou qualquer que seja o método usado, o homem busca formas de não pensar em sua infelicidade, agindo, por vezes, em direção contrária à sua felicidade.

O homem não pode controlar tudo, o mundo não foi feito especialmente para ele, ele não é o centro do universo, e nem tudo pode ser por ele compreendido. Quando extinguir-se, ele não fará falta para a natureza, que continuará sendo como antes. Sua existência na Terra é

passageira, tal como ocorreu com outros animais; e seu tempo de vida, comparado ao do planeta, é efêmero – e ainda mais insignificante se colocado em relação ao tempo de existência do universo.

Referências Bibliográficas

GORGULHO, G. S.; STORNILOLO, I.; ANDERSON, A. F. (coords.). **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2013

LEOPARDI, G. **Operette morali**. Milano: Biblioteca universale Rizzoli, 1994

LEOPARDI, G. **Opúsculos Morais (Operette Morali)**. Trad. Vilma Katinsky. Campinas: Hucitec, 1992

MACHIAVELLI, N. **Il principe**. Torino: Einaudi, 1972

MAQUIAVEL, N. **O príncipe**. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010

MIRANDOLA, G. P. della. **Discurso sulla dignità dell'uomo**. A cura di Francesco Bausi. Italia: Fondazione Pietro Bembo/Ugo Guanda Editore, 2014

MIRANDOLA, G. P. della. **Discurso sobre a dignidade do homem**. Trad. Maria Lurdes Sigardo Ganho. Lisboa: Edições 70, 1989

NIETZSCHE, F. **Obras incompletas**. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1983

PASCAL, B. **Pensamentos**. Disponível em: <http://monergismo.com/wp-content/uploads/pensamentos_blaise-pascal.pdf>. Acesso em: 07/09/2017